

Metodologias Qualitativas de Análise de Imagens: origem, historicidade, diferentes abordagens e técnicas

Antonio Giovanni Figliuolo Uchoa (UNIVALI) - uchoag@yahoo.com.br

Christiane Kleinübing Godoi (UNIVALI) - chriskg@univali.br

Resumo:

Considera-se surpreendente que a pesquisa qualitativa contemporânea limite-se ainda a apenas incorporar a multiplicidade de materiais visuais produzidos em diferentes contextos, com diferentes objetivos – fotografias, desenhos, pinturas, filmes, apresentações teatrais, publicações comerciais, programas televisivos, videoclipes, revistas femininas, jornais, ilustrações variadas, contos, plataformas virtuais, esculturas, para exemplificar –, prescindindo-se da dedicação mais atenta em desenvolver metodologias específicas de tratamento deste material cada vez mais emergente na sociedade. Com a finalidade de contribuir para uma discussão à sistematização de uma Metodologia de Análise Qualitativa de Material Texto-Audiovisual no interior dos Estudos Organizacionais, subdivido este estudo nas seguintes etapas: a) narrativa da historicidade da utilização de análise de material audiovisual, desde seu surgimento no campo da antropologia social, e; b) discussão das principais abordagens de análises de imagens, bem como de práticas de coleta destas fontes em seu contexto de produção e de análise no contexto da recepção (olhar do pesquisador).

Palavras-chave: *Metodologia visual; Análise de Imagens; Abordagens de Análise de Imagens.*

Área temática: *GT-19 Metodologias e Práticas Qualitativas de Produção e Análise de Material Audiovisual*

Considera-se surpreendente que a pesquisa qualitativa contemporânea limite-se ainda a apenas incorporar a multiplicidade de materiais visuais produzidos em diferentes contextos, com diferentes objetivos – fotografias, desenhos, pinturas, filmes, apresentações teatrais, publicações comerciais, programas televisivos, videoclipes, revistas femininas, jornais, ilustrações variadas, contos, plataformas virtuais, esculturas, para exemplificar –, prescindindo-se da dedicação mais atenta em desenvolver metodologias específicas de tratamento deste material cada vez mais emergente na sociedade. Com a finalidade de contribuir para uma discussão à sistematização de uma Metodologia de Análise Qualitativa de Material Texto-Audiovisual no interior dos Estudos Organizacionais, subdivido este estudo nas seguintes etapas: a) narrativa da historicidade da utilização de análise de material audiovisual, desde seu surgimento no campo da antropologia social, e; b) discussão das principais abordagens de análises de imagens, bem como de práticas de coleta destas fontes em seu contexto de produção e de análise no contexto da recepção (olhar do pesquisador). Historicamente, ainda que lugar comum aos antropólogos, Rebollo (2002) assinala ter sido a inserção da câmera – o filme – uma das primeiras fases antropológicas de familiarização do investigador com seus informantes. Neste aspecto, um dos primeiros filmes etnográficos datado de 1895, retrata a mulher do povo Wolof e a produção de potes na África Ocidental (Campos, 2011). No campo da sociologia, se destaca o sociólogo Lewis Hine, ao registrar imigrantes europeus em sua chegada a Ellis Island, Nova York (EUA) no início do século XX, antes mesmo da aculturação destes, num potencial revelador de aparências e significados (Collier & Collier, 1986). Wagner (2011b) destaca ainda na antropologia a seminal contribuição dos estudos associados a John Collier Jr., em publicação de 1967, intitulada *Visual Anthropology*, e definida como a primeira e maior contribuição no interior da Antropologia Visual. Campos (2011) ainda destaca, sob o olhar da etnografia, outra seminal contribuição de Margaret Mead e Gregory Bateson, a célebre publicação de *Balinese Character: a Photographic Analysis* (1942). Em publicação de 1979, chamada *Images of Information*, Jon Wagner (2011b) dá novas perspectivas aos estudos da imagem, uma transversalidade disciplinar, expressão de distintas escolas que oportunizam agregar investigações multidisciplinares. Ao final da década de 90, nova publicação intitulada *Image-Based Research* de Jon Prosser (1998), também com um foco multidisciplinar, foi muito além da pesquisa baseada na imagem, seguido de outros autores como Banks (1998), Banks e Zeitlyn (2015), Stanczak (2007), Pink (2003), e Rose (2012). Com raras exceções como o estudo metodológico empreendido por Mayer et al. (2013), que intenciona organizar a temática, a literatura acerca do tema é fragmentada e não há consenso entre os autores acerca do que sejam tendências, abordagens, métodos, técnicas de análise visual. Por este motivo, sem pretensões de excessivo formalismo, entendemos no espaço deste estudo por designar como *abordagens* somente as práticas fortemente vinculadas em todas as suas dimensões (produção da imagem, imagem em si mesma e contexto de recepção da imagem) a disciplinas do conhecimento, no interior das quais as práticas de análise de imagem já possuem diferentes configurações epistemológicas e – além destes requisitos – comportem também uma multiplicidade de técnicas e ferramentas no seu interior. O conceito de iconografia é intimamente ligado à linguagem germânica, como explica Müller (2011), uma tradição iconográfica alemã sob o termo *Bild* (Müller, 2011) e amplia por Berman (1983) no termo *bildung* como processo, prática, trabalho, viagem, romance, alteração, identificação, tradução. Um conceito que na interpretação de Müller (2011) significa que para cada material de imagem existem imagens mentais correspondentes à imagem material. A iconografia consiste em um método qualitativo de interpretação e análise de conteúdo visual, influenciado pela arte e método de interpretação por Aby M. Warburg, mas difundido por Panofsky (1983). O autor distinguia este processo de comunicação em três passos envolvendo dois termos, a iconografia e a iconologia, definidos inicialmente como descrição pré-iconográfica, seguindo

da análise iconográfica, e, por fim, a interpretação iconológica. Note-se que os detalhes sobre o material selecionado dão subsídio à comparação entre imagens, ou à análise iconográfica, de forma conjunta e subsidiada por outras fontes como arquivos, textos, ou entrevistas, atribuindo significado à análise do contexto estudado. A última etapa é definida como a mais importante, pois atribuirá sentido e significado ao processo de construção da relação motivada entre imagens e distintos grupos. Como esclarece Panofsky (1983), a iconografia está circunscrita à segunda etapa, a análise iconográfica, sinais e conotações visuais culturalmente compartilhadas e, a iconologia se detém na dimensão dos significados e seus valores simbólicos. Esta distinção entre etapas de Panofsky (1983) é minorada na descrição de Müller (2011) dando ao método uma proporcionalidade mais holística, tendo como ponto de partida na primeira etapa a descrição de cada elemento visual de forma imparcial, sem antecipadas atribuições significativas. A imagem – ou visual –, no entender de Müller (2011) revela a história ao contemplar o cotidiano de uma sociedade, a expressão de sua cultura, política, modos de vida. Já a etnometodologia procura com determinação observar e analisar as práticas sociais comuns; uma análise concreta das atividades diárias como elas *realmente* ocorrerem (Silverman, 2010). Etnometodologia é crítica do “típico”, ou “idealizado”, ou “representativo”, ou representações “imaginadas” das práticas (Ball & Smith, 2011). Neste esforço para capturar e analisar as realidades das práticas sociais, tecnologias fotográficas e de vídeo provaram inestimável fornecimento de registros dos detalhes das ações – elementos que a etnometodologia considera tão central (Ball e Smith, 2011) – em três categorias, considerando: (1) as fotografias geradas pelo pesquisador como dados gerados para caracterizar o ambiente social local, ao complementar a pesquisa observacional (Banks M. , 2012); (2) vídeo gerado pelo pesquisador, no apoio à investigação sobre a ordem das ações em lugares públicos (Banks & Zeitlyn, 2015); (3) áudio e vídeo gerado pelo pesquisador, como registro de gravações sobre a organização prática do trabalho de descobertas científicas (Garfinkel, Lynch, & Livingston, 1981); (4) Registro de áudio-vídeo gerado pelo pesquisador dos usos originais de imagens e vídeo, neste caso registrando como profissionais usam imagens e vídeo como parte do seu trabalho, a exemplo de cirurgiões ensinando a suas vídeos em cirurgias (Mondada, 2008). A etnometodologia lança nova luz sobre como as propriedades visuais (Reavy & Johson, 2012) das práticas cotidianas socialmente organizadas (Bispo & Godoy, 2012). As imagens visuais não existem em vácuo, e segundo Rose (2012, p. 55), olhar somente as imagens como “imagem” é negligenciar como foram produzidas e interpretadas pelas práticas sociais. Para o cientista social, manter um diário visual é uma boa maneira de recolher e acumular notas de campo (Emerson, Fretz, & Shaw, 2011). Mas isso expõe a dificuldade de como trabalhar esse material bruto dentro das ciências sociais (Chaplin, 2011). Autoetnografia, que também vem ganhando reconhecimento nos últimos anos, pode ir um pouco mais longe, adicionando as experiências pessoais do autor ao trabalho de campo, sistematicamente descrevendo e analisando essas experiências (Ellis, Adams, & Bochner, 2010). Ou seja, o pesquisador deixa sua posição de espectador e torna-se o principal assunto do projeto de pesquisa: sujeito e voz subjetiva na narração (Chaplin, 2011). A sistematização de empregar fotografia como registro documental, uma ferramenta tecnológica, de fácil manipulação e fluxo de informações, com grande acesso, vem provocando uma acirrada disputa entre a imagem e as palavras. Jogo este no qual, no entender de Lyotard (1979), o discurso contém elementos do figural (poesia e textos iluminados), e o espaço visual pode ser estruturado como discurso. A análise dos trechos do diário autoetnográfico indica que as imagens podem dizer coisas que as palavras não podem, e que uma combinação de imagens e palavras pode sugerir uma grande quantidade de “informação” (Chaplin, 2011) mais honesta em relação aos sentimentos do autor, pois o texto autoetnográfico exige considerável elaboração, bem mais que a média das ciências sociais (Ellis & Bochner, 2006). Uma autoetnografia inevitavelmente amplifica o significado do que se esconde: elementos

estruturais subjacentes tais como manipulação acadêmica, “distorções” metodológicas, exigências de edição, segredos pessoais; todos os que espreitam nas sombras (Chaplin, 2011). Em pesquisa participante, vídeo tem sido utilizado de várias maneiras em ciências sociais, geralmente sob a égide de termos tais como vídeo colaborativo (Pink, 2013), vídeo comunidade (Mitchell & Lange, 2011), e vídeo participativo (Mistry, et al., 2014), caracterizados por envolver um grupo de participantes que constroem principalmente seus próprios textos de vídeo com a ajuda mínima da equipe de pesquisa. O termo "participativo" concebe maneiras com que membros de uma comunidade estão envolvidos com a criação da narrativa de vídeo (Mitchell & Lange, 2011), a incorporação do próprio texto ao vídeo como um catalisador ou um gatilho na discussão pós-exibição, um elemento crítico levando-se em consideração todo o processo, lento e complexo (Shaw, 2012), das mudanças sociais da comunidade quando intencionalmente escolhemos trabalhar de forma mais profunda, e não de forma mais ampla ao longo de vários anos. Imagens históricas têm se concentrado em bibliotecas, museus, e arquivos, e têm se tornado popular por ilustrar livros e usadas em filmes “documentários”, descrevem Margolis e Rowe (2011), mas também aparecem sob a denominação “vernacular”, fotografias de origem desconhecida, ou fragilmente identificadas. Um recurso importante e significativo para as ciências sociais, e de especial interesse acadêmicos da etnografia visual na análise de fotografias históricas (Edwards, 2005). Margolis e Rowe (2011) descrevem o sistema taxonômico idealizado por Barrett (1986) para historiadores de arte que permite categorizar a fotografia como descritiva (cenas de crime, raio-x, retratos), exploratória (fotos feitas por sociólogos visuais e antropólogos), interpretativa (fotografia e seus significados com texto-hermenêutica, semântica, semiótica, de avaliação ética (fotografias para forçar o julgamento moral do observador), de avaliação estética (fotográfica de pessoas, lugares, objetos ou eventos é digno de compreensão estética), e teórica. Refotografia e foto-elicitação constituem práticas visuais inovadoras, geralmente associadas a estudos etnográficos. A refotografia consiste em um processo ordenado, ou longitudinal, com fotografias de um lugar em particular, de um grupo social ou fenômeno explorado pela sociologia visual (Rieger M. , 2011), a exemplo de Vergara (1995) desenvolveu no curso de doze anos, cerca de 8.000 imagens sobre os Guetos americanos, metade dos quais se situam em New York Guetos. Rieger (2011) esclarece que o método não se permite somente a uma boa seleção das imagens, mas deve levar em consideração o desenrolar desta mudança, sendo alicerçado por entrevistas e imagens dos participantes da pesquisa, auxiliando a compreensão da natureza e importância da alteração. Um mundo visual como descreve Haper (2012) em que as imagens nos dão indicações as quais não podem ser lidas como palavras em mundo saturado por significados sociológicos. Para a foto-elicitação, já em meados 1950, estudos foram desenvolvidos assinalando o uso da técnica como uma poderosa ferramenta que utiliza a dimensão visual para coletar informações junto aos entrevistados. Seu princípio está associado ao experimento de Collier Jr. (1954) denominado inicialmente como foto-entrevista, expondo fotografias aos entrevistados durante as entrevistas, para um melhor entendimento dos fenômenos sociais e culturais Meyer et al. (2013). A compreensão do significado da imagem é explorada pelo pesquisador e o entrevistado durante a conversação, ou uma interpretação participante com descrição verbal, um estimulado intercambio guiado por imagens, dando maior voz ao entrevistado para com suas interpretações pessoais (Lapenta, 2011). Como exemplo de aplicação da foto-elicitação, Rieger (2003) utilizou empreendeu um estudo junto aos trabalhadores da indústria de celulose em Ontonagon County e as mudanças do processo de trabalho com a madeira, expondo aos trabalhadores fotos relacionadas da era pré-mecanização e o atual sistema de colheita, o que facilitou o discurso e consenso sobre os equipamentos e as formas de trabalhar na floresta. Slutskaia, Simpson, e Hughes (2012) conduziram uma investigação com foto-elicitação com trabalhadores (açougueiros) em atividades consideradas degradantes, desagradáveis ou um

trabalho sujo, traduzindo seu cotidiano sobre um tema pouco discutido sob sua própria visão do trabalho físico, emoções, auto avaliação, estética e momentos de nostalgia sobre a perda de habilidades, sobre a comunidade e valores tradicionais. Contudo, Pink (2013, p. 58) adiciona que os problemas éticos relacionados à etnografia vão além de uma simples conduta ética do pesquisador, mas a compreensão ética do etnógrafo sobre o contexto de pesquisa, ou seja, uma abordagem reflexiva sobre suas próprias crenças e uma abordagem crítica sobre um código de conduta ética hierarquicamente superior aos demais. Independente do veículo analítico, estamos em Estudos Organizacionais limitados, até o momento, a entender que o material visual somente permite coletar situações, não conceitos. Por outro lado, podemos admitir que diários de campo (*fieldnotes* com texto e imagem – prática ainda inovadora) podem constituir fortes aliados na construção do contexto, na delimitação do objeto, na ausência de um evento-objeto organizacional concreto, realista, como em geral trabalhamos em pesquisa qualitativa. Uma das principais contribuições da utilização de recursos audiovisuais na prática da pesquisa é a imprescindibilidade que gera ao pesquisador de sair do laboratório e investigar acerca do campo, construí-lo, pois é justamente ali que reside a cotidianidade significativa capaz de encarnar a prática transformadora da investigação.

Referências

- Ball, M., & Smith, G. (2011). *Ethnomethodology and the Visual: Practices of Looking, Visualization, and Embodied Action*. In: T. S. Methods, Margolis, Eric; Pauwels, Luc. London: Sage.
- Banks, M. (1998). *Visual anthropology: Image, object and interpretation*. In: J. Posser, *Image-Based Research*. London: Taylor and Francis.
- Banks, M. (2012). *The Place of Visual Data in Social Research: A Brief History*. In: J. Hughes, *SAGE Visual Methods*. London: Sage.
- Banks, M., & Zeitlyn, D. (2015). *Visual methods in social research* (2^a ed.). Sage.
- Barrett, T. (1986). A theoretical construct for interpreting photographs. *Studies in Art Education*, 27(2), pp. 52-60.
- Berman, A. (1983). *Bildung et Bildungsroman in Civilisation*. *Temps (Le) de la Réflexion Paris*(4), pp. 141-159.
- Bispo, M. d., & Godoy, A. S. (2012). A Etnometodologia enquanto Caminho Teórico-metodológico para Investigação da Aprendizagem nas Organizações. *RAC - Revista De Administração Contemporânea*, 16(5), pp. 684-704.
- Campos, R. (2011). Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. *Análise Social*, XLVI(199), pp. 237-259.
- Chaplin, E. (2011). *The Photo Diary as an Autoethnographic Method*. In: E. Margolis, & L. Pauwels, *The SAGE Handbook of Visual Research Methods*. London: Sage.
- Collier Jr, J. (1954). *Photography in Anthropology: A Report on Two Experiments*. *American Anthropologist*.
- Collier, J., & Collier, M. (1986). *Visual anthropology: Photography as a research method*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Edwards, E. (2005). *Photographs and the Sound of History*. *Visual Anthropology Review*, 21((1-2)), pp. 27-46.
- Ellis, C. S., & Bochner, A. P. (2006). *Analyzing Analytic Autoethnography: An Autopsy*. *Journal of Contemporary Ethnography*, 35(4), pp. 429-449.
- Ellis, C., Adams, T., & Bochner, A. (2010). *Autoethnography: An Overview*. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 12(1).
- Emerson, R. M., Fretz, R. I., & Shaw, L. L. (2011). *Writing Ethnographic Fieldnotes* (2^a ed.). The University of Chicago Press.

- Garfinkel, H., Lynch, M., & Livingston, E. (1981). The work of a discovering science constructed with materials from the optically discovered pulsar. *Philosophy of the social sciences*, 11(2), p. 131.
- Harper, D. (2012). An argument for visual sociology. In: J. Prose, *Image-based research: A sourcebook for qualitative researchers* (pp. 24-41). London: Routledge.
- Lapenta, F. (2011). Some Theoretical and Methodological Views on Photo-Elicitation. In: E. Margolis, & L. Pauwels, *The SAGE handbook of Visual Research Methods*. London: Sage.
- Liotard, J. F. (1979). *Discurso, Figura*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Margolis, E., & Rowe, J. (2011). Methodological Approaches to Disclosing Historic Photographs. In: E. Margolis, & L. Pauwels, *The SAGE Handbook of Visual Research Methods*. London: Sage.
- Meyer, R. E., Höllerer, M., Jancsary, D., & Theo, V. L. (2013). The Visual Dimension in Organizing, Organization, and Organization Research: Core Ideas, Current Developments, and Promising Avenues. *The Academy of Management Annals*, 7(1), pp. 489-555.
- Mistry, J., Berardi, A., Haynes, L., Davis, D., Xavier, R., & Andries, J. (2014). The role of social memory in natural resource management: insights from participatory video. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 39(1), pp. 115-127.
- Mitchell, C., & Lange, N. (2011). Community-Based Participatory Video and Social Action in Rural South Africa. In: E. Margoli, & L. Pawels, *The SAGE Handbook of Visual Research Methods*. London: Sage.
- Mondada, L. (2008). Using video for a sequential and multimodal analysis of social interaction: Videotaping institutional telephone calls. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 9(3).
- Müller, M. (2011). Iconography and Iconology as a Visual Method and Approach. In: E. Margolis, & L. Pauwels, *The SAGE Handbook of Visual Research Methods*. London: Sage.
- Panofsky, E. (1983). Iconography and Iconology: An Introduction to the Study of Renaissance Art. In: E. Panofsky, *Meaning in the Visual Arts* (p. 384). Chicago: The University of Chicago Press Books.
- Pink, S. (2003). Interdisciplinary agendas in visual research: re-situating visual anthropology. *Visual studies*, 18(2), pp. 179-192.
- Pink, S. (2013). *Doing visual ethnography*. London: Sage.
- Prosser, J. (1998). *Image-based research: A sourcebook for qualitative researchers*. London: Falmer Press.
- Reavy, P., & Johson, K. (2012). Visual Approaches: Using and Interpreting Images. In: J. Hughes, *SAGE Visual Methods*. London: Sage.
- Rieger, J. (2003). A retrospective visual study of social change: the pulp-logging industry in an Upper Peninsula Michigan county. *Visual Studies*, 18(2).
- Rieger, M. (2011). Rephotography for Documenting Social Change. In: E. Margolis, & L. Pauwels, *The SAGE Handbook of Visual Research Methods*. London: Sage.
- Rose, G. (2012). *Visual methodolgies: an introduction to resourcing with visual materials*. (3, Ed.) London: Sage.
- Shaw, J. (2012). Interrogating the GAP between the Ideals and Praticce Reality of Paticipatory Video . In: E.-J. Milne, C. Mitchell, & N. d. Lange, *Handbook of Participatory Video* (pp. 225-241). Plymouth: Altamira Press.
- Silverman, D. (2010). *Qualitative research*. London: Sage.
- Slutskaya, N., Simpson, A., & Hughes, J. (2012). Slutskaya, N., Simpson, A., & Hughes, J. (2012). Lessons from photoelicitation: encouraging working men to speak. *Qualitative*

Research in Organizations and Management: An International Journal, 7(1), pp. 16-33.

Stanczak, G. (2007). *Visual Research Methods*. London: Sage.

Vergara, C. J. (1995). *The new American ghetto*. New Brunswick, Nj: Rutgers University Press.

Wagner, J. (2011b). Visual Studies and Empirical Social Inquiry. In: E. Margolis, & L. Pauwels, *The SAGE Handbook of Visual Research Methods*. London: Sage.